INSIGHT

CARIOQUICE

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL . ANO XII . N:45 . ABR/MAI/JUN 2015
ISS 1981-6049

"não há você sem mim, e eu não existo sem você..."
apud com Jobim e Vinícius de Moraes

HAROLDO COSTA

ORFEU, O ÚNICO

fator

PRONTOS PARA O SEU PRÓXIMO DESAFIO

operações estruturadas - fusões & aquisições - private banking - crédito corporativo
gestão de recursos - intermediação de títulos e valores mobiliários - seguros corporativos
análise de equities - pesquisa econômica

Fale com nossos especialistas
(11) 3049-9100

SAC 0800-7707229 Ouvidoria Fator: 0800-7732867 (0800-77-FATOR)

fator.com.br

a sagrada liberdade de expressão

Esquina do Ricardo

A liberdade de expressão é considerada — e sempre foi — a pedra angular da convivência entre governantes e governados. O ser livre tem como direito básico o poder de falar, "o expressar-se por palavras ou por escritos o que lhe vai na alma e na garganta", como vomitou Voltaire, em desabafo veemente ao longo de diatribes de seu tempo.

Pois é precisamente em nossa contemporaneidade, a do Brasil de hoje, que o falar sem amarras fecunda a liberdade da imprensa. Ou seja, são valores de essência, que nos são preciosos, porque já os perdemos em tempos autoritários de décadas recentes, ou mesmo mais remotas, anos 30, virada dos 40.

Vez por outra, leem-se nos jornais arreganhos de "regularização da imprensa", que não refletem senão a esperteza de índole totalitária, a nostalgia de alguns círculos políticos (poucos, é verdade), no sentido de mergulhar no bolivarismo que corrói alguns países do hemisfério, a começar pela Venezuela.

A liberdade de expressão não só me é assunto de intimidade e de gosto, mas de ação concreta, quando empunhei armas contra a censura de diversões públicas entre 1979 e 1985, finalzinho do governo militar. Representando os autores de rádio, televisão e de músicas, empenhei-me com todas minhas forças no sentido de liberar os processos de proibição que caíam às minhas mãos. Sem perder um sequer, ao longo de quase dez anos. O Conselho de Liberdade de Expressão só se extinguiu ao começo do governo Collor.

Comprovei a insensatez e me indignei com a sistematização da burrice e da truculência de vetos ao teatro, ao cinema, às músicas, às novelas de tevê e, sobretudo, aos livros. Lutamos, como titulares da sociedade civil, Pompeu de Sousa (representando a Associação Brasileira de Imprensa — ABI), Daniel Rocha (representando a Sociedade Brasileira de Autores — SBAT, ou seja, o teatro), Susana de Moraes (representando os cineastas), entre outros companheiros queridos, contra o horrendo Departamento de Censura de Diversões Públicas — DCDP, às barbas do Ministério da Justiça — o que, aliás, me rendeu uma conquista, o livro *Driblando a Censura* ou *De como o cutelo vil incidiu sobre a cultura* (Editora Gryphus, 2002).

Naqueles tempos de defesa da liberdade de expressão, exaltávamos com convicção fervorosa a frase "é sempre melhor o barulho e o despudor das vozes da democracia ao silêncio das falácias virtuosas e das falas escondidas pela ditadura".

SUMÁRIO

CARIOQUICE

Nº 45 ABRIL/MAIO/JUNHO DE 2015
ISS 1981-6049

É som, é sal, é mar

6 Do mais puro ônix

14 O cantor das multidões

Saga carioca

18 O guardião de fotogramas

Do bem comer e melhor beber

22 Oscar de coadjuvante

Cidade Maravilhosa

26 Portuguesas, com certeza

32 Tecelões da passarela

Magia do olhar

38 O Rio visto do ICCA

Causos e letras

48 Perseguindo Zé Rubem

Embaixador do Rio

56 Rio, capital cultural do Brasil
Por Marcelo Calero

EXPEDIENTE

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Mônica Sinelli

REPÓRTERES
João Penido
Kelly Nascimento

DESIGNERS
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
Denise Scofano Moura
Geraldo Rodrigues Pereira

CAPA
Adriana Lorete

IMPRESSÃO
Walprint

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Ancelmo Gois
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Bernardo Cabral
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cícero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Daniel De Plá
- Eva Mariani
- Francis Hime
- Francisco Horta
- Henrique Luz
- Humberto Eustaquio Mota
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- Jerson Lima
- João Maurício de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Joel Nascimento (do bandolim)
- Jomar Pereira da Silva
- José Louzeiro
- José Viegas Filho
- Júlio Bueno
- Júlio Lopes
- Lan
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luis Fernandes
- Luiz Alfredo Salomão
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Malvina Tuttman
- Marcelo Carnaval
- Marco Antonio Bologna
- Marcelo Calero
- Marcílio Marques Moreira
- Marco Polo Moreira Leite
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga†
- Olívia Hime
- Oscar Niemeyer†
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Pereira
- Paulo Roberto Menezes Direito
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães†
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Ruy Garcia Marques
- Tito Ryff
- Verônica Dantas
- Vitor Lemos
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua do Mercado 11 / 12° andar
Cep 20010-120 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Luis Coelho, 308, cjto 36 · Consolação
Cep 01309-902 · Tel/Fax: (11) 3284-6147
email: insightsp@insightnet.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)
Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@iccacultural.com.br
www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

Souza Cruz. Um símbolo brasileiro de excelência.

Espírito empreendedor, referência em gestão e logística, geradora de milhares de empregos e riqueza para o País há mais de um século. Essa é a Souza Cruz. Investindo constantemente em seus talentos, dando exemplo na preservação dos recursos naturais, gerando valor para seus acionistas e sustentabilidade para a sua cadeia produtiva, a Souza Cruz é uma das empresas mais sólidas do Brasil. E continuará sendo, graças ao seu compromisso com a excelência em tudo o que faz.

www.souzacruz.com.br

SOUZA CRUZ

agencia3
QUANDO TRADIÇÃO E
CAMINHAM LADO A LA
QUEM SAI GANHANDO

INOVAÇÃO DO, É O BRASIL.

Era 1944, e Stephan Zweig já havia escrito o livro que viria a se tornar epíteto do Brasil pelas décadas seguintes: País do Futuro.

Criada com o objetivo de formar líderes para o setor público e privado, a Fundação Getulio Vargas logo avançou para se tornar referência em ciências sociais e econômicas. Em 1951, lançou o Instituto Brasileiro de Economia, o FGV/IBRE. Passou a calcular os nossos índices econômicos e se tornou referência para a compreensão da economia brasileira, no país e no exterior. Em 1952, veio a primeira Escola de Administração Pública e de Empresas da América Latina, a FGV/EBAPE. Em 1954, a FGV/EAESP, Escola de Administração de Empresas de São Paulo. Em 1965, a Escola Brasileira de Economia e Finanças, a FGV/EPGE.

Tempos depois, ampliou suas funções e se tornou referência em pesquisa e produção de conteúdo. Em 1973, lançou o FGV/CPDOC, maior centro de referência da história contemporânea do país. Em 2002, fundou suas escolas de Direito no Rio e em São Paulo. Em 2004, lançou sua Escola de Economia de São Paulo, a FGV/EESP. Em 2011, a FGV/EMAp, Escola de Matemática Aplicada.

Hoje, a FGV ocupa o primeiro lugar na América Latina e figura entre os 20 principais *think tanks* do mundo, produz estudos que guiam políticas públicas e orientam empreendimentos privados, e sua atuação abrange as mais diversas áreas, de finanças a desenvolvimento sustentável.

A FGV nunca se acomodou com o sucesso de cada nova empreitada, e mantém firme a mesma crença que a trouxe até aqui: tradição e inovação não são opostos, mas complementares.

FGV

fgv.br

Do mais puro ônix

por Mônica Sinelli

O carioca Haroldo Costa, jornalista, ator, escritor e produtor cultural, acaba de completar 85 anos em plena forma, com uma grande exposição sobre sua vasta carreira no Instituto Cultural Cravo Albin. Protagonista da peça "Orfeu da Conceição", de Vinícius de Moraes, ele produziu shows de perfil essencialmente brasileiro em boates como Night&Day e Sucata e no Golden Room do Copacabana Palace. Os livros *100 anos de Carnaval no Rio de Janeiro, as escolas de Lan* e *Ernesto Nazareth – pianeiro do Brasil* estão entre as suas principais obras literárias. Por seu inconfundível timbre na nossa cultura, ele se perfila na galeria de personagens absolutos do país.

Na casa em que mora há quatro décadas, numa rua tranquila da Gávea, Haroldo revive um percurso que demonstra seu impressionante fôlego de gato. Nascido em Piedade, bairro da Zona Norte do Rio, com dois anos, por causa da morte da mãe, mudou-se para Maceió, ficando sob os cuidados dos avós paternos. Na casa da tia Isabel, professora e bandolinista que usava uma área da residência como escola primária, veio sua iniciação no folclore brasileiro.

Por volta dos dez anos, voltou para o Rio, morando com o pai no bairro boêmio da Lapa. "Comecei bem, não?" — ele brinca. "Guardo boas imagens daquele tempo. Nossa casa se localizava na Rua Joaquim Silva, atrás da atual Sala Cecília Meireles, que na época era o Cinema Colonial. Eu nunca tinha visto cinema até então. Foi meu primeiro contato com essa arte e, também, com o teatro, porque havia apresentações de peças antes dos filmes."

Mais tarde, Haroldo passaria a fazer política estudantil, como um dos fundadores da Associação Brasileira de Estudantes Secundários (Abes) e presidente da Comissão Preparatória da União Brasileira de Estudantes Secundários (Ubes), ambas alojadas no prédio da União Nacional dos Estudantes (UNE). Começou a se interessar por jornalismo e antropologia. "Mas fui atropelado pelo teatro. Em 1948, meu pai viu um panfleto em que o Teatro Experimental do Negro, criado por Abdias do Nascimento, solicitava pessoas para ajudar no curso de

Haroldo no teatrinho Trol

Na gravação de programa para a BBC de Londres, em 1953

alfabetização de adultos, em funcionamento no andar de cima de sua sede. Falou que eu tinha obrigação de ir. E foi dando uma dessas aulas que me chamaram para substituir um ator que havia faltado no dia da leitura da peça "O filho pródigo", de Lúcio Cardoso. Cheguei lá, li a parte dele e, sem a menor expectativa em relação a isso, ganhei o papel."

nasce um bailarino

O Teatro Experimental do Negro, porém, sofria críticas daqueles que o julgavam um precedente para que se tivesse, na sequência, o Teatro Experimental do Branco. "Os detratores achavam que era um confronto, sob o aspecto da democracia racial. Do outro lado, a favor, havia também muita gente boa, como Paschoal Carlos Magno, diretor do Teatro do Estudante, dentro da UNE, que fez montagens maravilhosas, a exemplo de 'Hamlet', protagonizado por Sérgio Cardoso. Lá, conheci ainda Sérgio Britto, Nathalia Timberg e Fernando Pamplona, este já ligado a Belas Artes", recorda.

Mas o grupo Experimental do Negro — todos muito jovens, na casa dos 18 anos — começou a ficar insatisfeito com o repertório. "Queríamos uma coisa mais sacudida. E abrimos o Teatro dos Novos, para nos dedicarmos a uma linguagem de dança e canto, que considerávamos mais ao nosso estilo. Escrevi, então, a revista 'Rapsódia de ébano', para mostrar o caminho que a música brasileira havia desenvolvido ao longo do tempo, desde a chegada dos navios negreiros, e envolvendo lundu maxixe, coco e elementos do folclore. Além de escrever o libreto, eu também era um dos bailarinos. Ninguém tinha educação em dança; começamos no peito e na

Em cena no Grande Teatro Tupi

raça. O coreógrafo só chegou mais tarde — João Elyzio, um frevista maravilhoso, com formação clássica e em balé moderno, que passou a nos dar disciplina e formatar um espetáculo. Estreamos no Teatro Ginástico, em 1950, fizemos um grande sucesso, e depois mudamos o nome do grupo para Teatro Folclórico Brasileiro, já com a feição de uma companhia profissional de danças brasileiras."

Como Baltazar, um dos Reis Magos, no Especial de Natal da TV Tupi. A seu lado, o menino Roberto Medina

De Piedade para o mundo

Cacifada, a turma levou o espetáculo para São Paulo. "A cidade vivia a efervescência da famosa Companhia Cinematográfica Vera Cruz e do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC). Conheci Tônia Carrero e Paulo Autran. Éramos garotos, não tínhamos a percepção do que estava acontecendo, das perspectivas. Aprendemos e nos tornamos profissionais no dia a dia, trabalhando. Começamos a viajar, num elenco de 50 pessoas, primeiramente, pela América do Sul. Mas o ponto que determinou a elevação da companhia a um porte internacional foi a passagem por Barcelona. Lá, fomos vistos por empresários europeus, o que nos rendeu convites para fazer o espetáculo — intitulado 'Brasiliana', assim como o novo nome da companhia — em grande parte dos países do continente. Em Londres, tivemos uma estreia de gala no West End Theatre, com membros da família real na plateia. Os jornais londrinos abriram páginas e páginas para a gente, e aí a Brasiliana virou uma coisa importante. Em Paris, fizemos o Théâtre de L'Étoile, substituindo Yves Montand, a quem conheci, juntamente com Maurice Béjart. Durante cinco anos, nos apresentamos em 25 países, incluindo Nigéria, Marrocos, Tunísia e Iugoslávia."

Na temporada parisiense, a propósito, nos idos de 1954, Haroldo conheceu Vinícius de Moraes, então adido cultural e secretário da Embaixada do Brasil na França. "Vinícius ia praticamente todas as noites nos assistir, estávamos sempre juntos. Na nossa despedida, ofereceu uma feijoada feita por ele próprio. E, na ocasião, me mostrou seu texto 'Orfeu da

No ICCA, exposição sobre a trajetória de Haroldo

Na peça "O navio negreiro"

Conceição', que havia ganho prêmio na Bienal de São Paulo. Li e fiquei encantado com a peça, que deveria ter um elenco composto, preferencialmente, por atores negros. Dois anos depois, já na minha volta ao Rio, começou o processo de montagem de Orfeu, em que desempenhei o papel principal, com trilha sonora de Vinícius e Tom Jobim, cenário de Oscar Niemeyer e cartazes de Djanira e Carlos Scliar. Estreamos no Teatro Municipal, com a Orquestra Sinfônica, em setembro de 1956."

homem show

Em seguida, Haroldo Costa integrou a primeira montagem de "Auto da compadecida", de Ariano Suassuna, no Teatro Dulcina. "E, como havia feito um curso intensivo de direção na BBC de Londres, comecei a trabalhar na TV Tupi, nos programas 'Câmera um' e 'Noite de gala'. Paralelamente, escrevia sobre variedades para o *Última Hora* e colaborava para o jornal do Partido Comunista e para o *Paratodos*, publicação de Jorge Amado. E dirigi o filme *Pista de grama*, com Paulo Goulart e Yoná Magalhães.

"No livro *Salgueiro Academia de Samba*, conto a história da minha escola de coração".

Numa cena de festa, Elizeth Cardoso aparece interpretando *Eu não existo sem você* — que Tom e Vinícius haviam composto a meu pedido para ser a canção-tema —, acompanhada por João Gilberto ao violão", reporta. Parte do filme foi rodado, acrescenta ele, no que são hoje os jardins e a piscina do Instituto Cravo Albin. Uma quase antecipação, conclui.

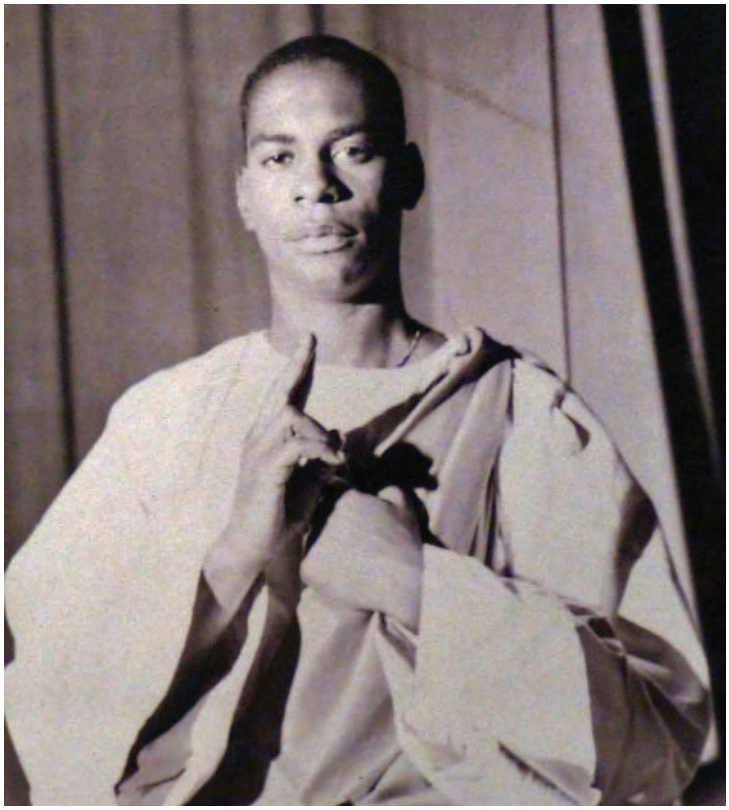
Na década de 70, é a vez de Haroldo produzir shows memoráveis em boates da moda, como Plaza, Night and Day e Sucata, que chegaram ao glamouroso Copacabana Palace. Ali, foram três shows em três anos — "Rio Zé Pereira", "Sua excelência, o samba" e "Aquarela musical". Este último se baseava em telas de artistas brasileiros, cada quadro aludindo a um pintor, à imagem de Portinari, Djanira, Di Cavalcanti e Heitor dos Prazeres.

Já a porção escritor teve início em 1982, com o lançamento de "Fala crioulo". "Sugeri a Alfredo Machado, dono da editora Record, fazer um livro com depoimentos de negros dos mais variados estratos sociais: Pelé, Adhemar Pereira da Silva, Vera Lúcia Couto — a primeira miss negra do Brasil —, embaixador, prostituta, bispo, entre 50 personagens. Pela mesma editora, publiquei também 'Salgueiro Academia de Samba' (1984), que conta a história da minha escola de coração." Em um total de 14 livros, incluem-se "Na cadência do samba" (2000), "100 anos de Carnaval no Rio de Janeiro" (2001), "As Escolas de Lan" (2002) e "Ernesto Nazareth — pianeiro do Brasil" (2005). O mais recente é "Arte e cultura afro-brasileira", de 2014.

agenda incansável

Haroldo atuou, também, como produtor da TV Globo, nos programas "Concerto para a juventude" — que ia ao ar nas manhãs de domingo —, "Dercy Gonçalves" e "Discoteca do Chacrinha", em que foi o responsável pelo convite a Elke Maravilha "para dar um gás" na equipe de jurados.

No momento, ele realiza, uma vez por mês, os talk shows ao vivo, com artistas convidados, "Samba e outras coisas" e "A canção brasileira" para o Sesi de Jacarepaguá e o do Centro da cidade, respectivamente. Vizinho a este, o velho e bom Villarino — o antológico bar em que Tom Jobim foi apresentado a Vinícius — ainda tem espaço em sua incansável agenda. Costuma também ir com a mulher Mary — uma das integrantes do trio Irmãs Marinho, famoso nos anos 60 — ao restaurante Escuna, em Vargem Grande, saborear a especialidade da casa, frutos do mar. "Aqui perto de casa, frequento o bar Hipódromo, para tomar chopp e comer o bife à milanesa, que é genial", diz o homem de mil instrumentos. O bifão pode ser lá um espetáculo, bem ao seu estilo. Mas genial mesmo é você, Haroldo.



Como Jesus Cristo no "Auto da compadecida", de Ariano Suassuna

O cantor das multidões

por Kelly Nascimento

Este ano, comemora-se o centenário do "cantor das multidões". Para festejar a efeméride, o Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA) está lançando a "Confraria Orlandófila". A ideia é celebrar vida e obra de Orlando Silva. "As memórias que merecem ser louvadas neste país vão para debaixo dos tapetes da mais olímpica indiferença. O nosso Instituto resolveu atender a um grupo de orlandófilos, liderados por Jonas Vieira, autor de biografia do cantor, e criar um comitê de honra para lhe celebrar o centenário", justifica Ricardo Cravo Albin, fundador do ICCA."

A lista de orlandófilos é liderada por Caetano Veloso, que, consultado por Cravo Albin, aderiu de imediato à iniciativa. O baiano já escreveu que Silva "criara um estilo moderno brasileiro de canto — com todas as firulas do choro, a ginga dos capoeiras e o sentimento latino". Também integram o comitê Jairo Severiano, Jonas Vieira, José Serra, J. R. Tinhorão, Leonardo Lichotte, Martinho da Vila, Paulo Bartollo, Ricardo Cravo Albin, Ruy Castro, Sergio Fortes, Simon Khoury, Tarik de Sousa, Villar Franco e Zuza Homem de Mello.

Aos desavisados, a inclusão do nome do político José Serra na lista pode causar estranheza num primeiro momento. Mas o senador de São Paulo é fã do cantor, como pontua Cravo Albin: "Pesquisa daqui, busca dacolá para lembrar nomes de devotos públicos de Orlando, de imediato nos acudiu o nome de Serra, que ficava ao lado de Artur da Távola em saraus de toda uma noite em torno de toca-discos, a ouvir gravações feitas entre 1936 e 1945".

Uma das primeiras tarefas do grupo será solicitar ao prefeito Eduardo Paes que conceda ao cantor, *in memoriam*, a Medalha 1º de Março, criada para reconhecer mérito pessoal ou serviços prestados ao Rio. "Esta é a cidade onde Orlando nasceu, cresceu e se fez o maior cantor do Brasil", diz o fundador do ICCA.

Primeiro grande fenômeno de massas da

música popular, ele foi, "de 1935 a 1942, o maior cantor brasileiro, talvez do mundo", segundo o jornalista e escritor Ruy Castro. Ricardo Cravo Albin complementa que o intérprete é referência absoluta na arte do cantar brasileiro. "A homenagem é mais que necessária, considerando-se que cabe ao Rio e ao país realçar e prestar os tributos devidos à sua aclamada genialidade". Para celebrar essa memória, o ICCA organizará dois shows nos próximos meses: um na Academia Brasileira de Letras (ABL) e outro, no Imperator, em show organizado pelo cantor Márcio Gomes. "Um de nossos orlandófilos, o Villar Franco, tem o timbre de voz parecidíssimo com o do Orlando. A ideia é que ele cante parte do repertório memorável do cantor das multidões", diz Albin.

O comitê se reúne nos salões do ICCA, na Urca, para definir detalhes da programação em homenagem à memória de Orlando Silva, organizando atividades para realçar sua importância e perenidade na cultura musical do Brasil. "O ICCA é considerado hoje a Casa de Memória da MPB no Rio. Nada mais natural que proponhamos o levantamento, a recuperação e as homenagens em relação às datas de essência do calendário memorial dos grandes vultos de nossa história musical", afirma o biógrafo Jonas Vieira, designado pelo ICCA presidente do Comitê.

"A homenagem é mais que necessária, considerando-se que cabe ao Rio e ao país realçar e prestar os tributos devidos à sua aclamada genialidade"

Ricardo Cravo Albin

amplitude da voz

Orlando Silva nasceu no Engenho de Dentro, subúrbio carioca. Trazia a música em seu DNA: o pai, José Celestino da Silva, era violonista, tendo participado de uma das formações do conjunto de Pixinguinha, os Oito Batutas. Não há como negar que Orlando nasceu para cantar. Foi entregador de marmitas, operário, aprendiz de cortador de sapato e trocador de ônibus. Mas gostava mesmo era de cantar, atividade a que se dedicava nas horas vagas. Sua sorte começou a mudar quando conheceu Francisco Alves, no Café Nice. Cantou um samba de Ary Barroso e carimbou o passaporte para o universo da música, sendo convidado por Alves para se apresentar em seu programa na Rádio Cajuti. Assim, aos 17 anos, estreava no mercado da música. Nunca mais largaria o microfone.

Um ano depois, no Carnaval de 1935, participou, junto com Aracy de Almeida, do coro da música *Foi ela*, de Francisco Alves. Veio o convite da gravadora RCA Victor para gravar um 78

RPM — que sairia no mesmo ano. Logo, Orlando viraria uma das maiores estrelas da gravadora, ao lado do próprio Francisco Alves, Silvio Caldas e da pequena notável Carmem Miranda. Assinou contrato com a recém-fundada Rádio Nacional, tornando-se uma das principais atrações e ganhando os lares e corações brasileiros.

A amplitude de sua voz impressionava: Orlando passeava por diversos timbres, indo com facilidade do grave ao agudo, adaptando seu tom ao estilo da música. Não demorou para que se tornasse a voz mais ouvida do Brasil. Tamanha a popularidade alcançada, ganhou a alcunha de "o cantor das multidões", pela qual é conhecido até os dias de hoje. "Orlando foi um dos expoentes da Era de Ouro do Rádio", define Ricardo Cravo Albin. Nesse período, gravou duas canções memoráveis: *Lábios que eu beijei* e *Juramento falso*, que integraram o mesmo 78 RPM, com arranjos de Radamés Gnatalli. Ainda em 1937, caberia a Orlando a honra de fazer a primeira gravação cantada de *Carinhoso*, de Pixinguinha.

No auge da fama, em 1942, a saúde prega uma peça no cantor. Orlando descobriu que tinha gengivite ulcerativa necrosante aguda. A doença o afastou do estúdio, dos palcos, arrancou-lhe os dentes da arcada superior e intensificou o vício em morfina. A isso se somou o alcoolismo. A voz não resistiu intacta à avalanche de problemas. Para a crítica, perdeu o viço. E o cantor das multidões nunca mais foi o mesmo. Após ensaiar retornos, voltou a gravar nos anos 50. Continuaria cantando até 1978, ano em que foi silenciado por um ataque cardíaco.

Ricardo Cravo Albin lembra bem desse período: "Nos anos 70, eu trabalhava como redator do 'Brasil Especial', da TV Globo. Sempre que podia, sugeria ao diretor, Augusto Vanucci, para convidar Orlando a se apresentar no programa. Mas a performance não ficava boa, por vezes em algumas gravações. Para poupá-lo, pedia ao Vanucci para cortá-lo na edição. Eu tinha um carinho muito grande por Orlando e me preocupei em preservar sua imagem".

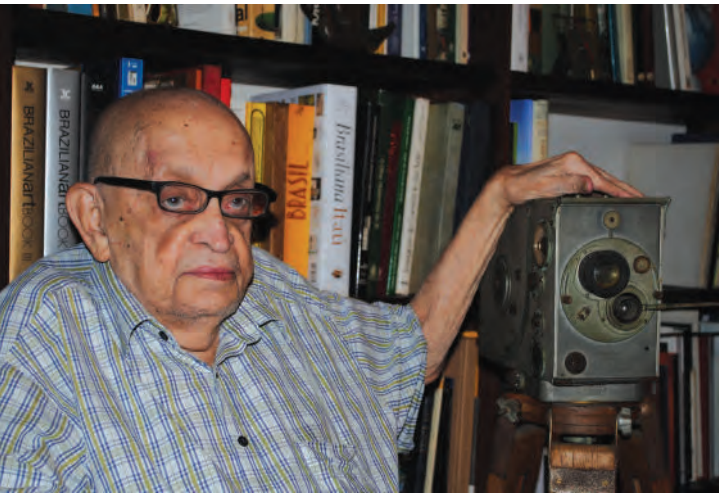
Durante sua trajetória, Orlando entoou cerca de 1.500 canções. Sua vida foi tema de livro escrito por Jonas Vieira e de uma peça, protagonizada pelo ator Tuca Andrada. Nesse cenário, o comitê do ICCA surge com mais uma merecida homenagem ao eterno cantor das multidões.

O guardião de fotogramas

POR HYRINÉA BORNÉO

Redator, montador, diretor, roteirista e pesquisador. Um de seus maiores legados está na preservação da memória do cinema brasileiro. *Carioquice* presta uma homenagem a Jurandyr Noronha, que faleceu em maio, aos 99 anos, recordando os principais trabalhos de sua intensa trajetória artística. Não à toa, o consagrado Nelson Pereira dos Santos brinca que ele foi o descobridor do DNA de nossas películas.

Nascido na cidade de Juiz de Fora, em 1916, Noronha iniciou sua carreira no Rio de Janeiro, trabalhando na função de cinegrafista na produtora Cinédia, que inaugurou o modelo de produção em escala industrial dentro do setor no país. Ao longo do tempo, atuou em órgãos como o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), Instituto Nacional de Cinema (INC) e na Embrafilme. Na condição de pesquisador, reuniu vasta documentação sobre projeções que remontam ao ciclo dos "falantes e cantantes", em que atores e músicos ficavam atrás de uma tela transparente, de modo que pudessem assistir ao que seria necessário "dublar". Usava-se então uma parafernália para a emissão de sons, e os artistas chegavam a empunhar megafones para que fossem escutados na sala escura.



O trabalho de Noronha na busca pela preservação da memória cinematográfica brasileira é reconhecido como um dos mais importantes já realizados no país. Ao Museu da Imagem e do Som (MIS) do Rio foi doado, em 1997, seu acervo sobre o cinema documental, que recebeu o nome de Coleção Jurandyr Noronha. Para se ter uma ideia da dimensão do patrimônio, os arquivos abrangem documentários históricos e filmes de ficção em 16mm e 35 mm, assim como

TV TUPI
CANAL 6

Filmagem de Cômicos + Cômicos

cenas em locais do cotidiano carioca, a exemplo da Cinelândia, Avenida Rio Branco, Praia do Flamengo, Copacabana. São mais de 200 películas e, aproximadamente, quatro mil fotografias de fitas, estúdios, equipamentos, salas de exibição e personalidades dos cinemas nacional e estrangeiro, além de peças textuais e bibliográficas.

Lançamento póstumo

Entre seus principais trabalhos, estão obras como os longas *Panorama do cinema brasileiro* (1968) — integrante da coleção do Centro Técnico Audiovisual e distribuído a faculdades, bibliotecas e outras instituições ligadas ao setor —, *Cômicos e mais cômicos* (1971) e *70 anos de Brasil* (1975). E os médias-metragens *A medida do tempo* (1964), *Uma Alegria Selvagem* (1965) — este com imagens raras de Santos Dumont voando no 14 Bis —, *Humberto Mauro* (1970) — sobre o maior diretor brasileiro do cinema mudo — , *Oswaldo Cruz* (1973) e *O cinegrafista de Rondon* (1979).

Escreveu os livros *No tempo da manivela*, *Pioneiros do cinema brasileiro*, *A longa luta do cinema brasileiro*, *Dicionário do cinema brasileiro — de 1896 a1936 — Do nascimento ao sonoro*, *O momento mágico* e *Bravos companheiros*, tendo ficado incompleto o *Dicionário dos imigrantes do cinema brasileiro*. Também atuou como curador, organizando as exposições "75 anos de cinema" (1970), "Pioneiros do cinema brasileiro" (Frankfurt-1994) e "200 anos de indústria no Brasil".

Deixou duas obras concluídas: *Dicionário Jurandyr Noronha de cinema brasileiro — os que vieram de outras terras*, baseado em pesquisas realizadas, ao longo de 10 anos, sobre a atuação dos imigrantes na área e que será publicado pela EMC Brasil — do genro Júlio Heilbron e da filha Gilberta — até o final do ano; e *Momentos idos, momentos vividos*, com pequenos contos e crônicas inéditas, sem previsão de lançamento. Segundo Heilbron, no conto *Torre Eiffel em Madureira*, ele retrata um acontecimento que originou uma das telas de Tarsila do Amaral, "Carnaval em Madureira", em que o famoso monumento parisiense desponta, inusitadamente, no subúrbio carioca. É que a pintora estivera no bairro durante um carnaval, quando haviam construído uma réplica da torre ao lado do avião de Santos Dumont.

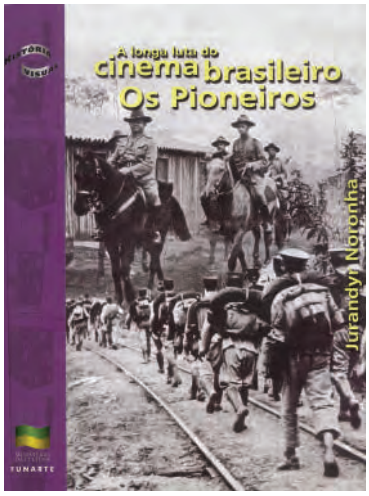
Durante as gravações de *O Monumento aos Pracinhas*

Torre Eiffel em Madureira (texto inédito)

"Nunca vi nada mais audacioso. É como se pudesse existir um nacionalismo madureirense. É verdade que Tarsila do Amaral, acompanhada por Mário de Andrade, vira a Torre Eiffel e um avião contornando-a. Eram engenho, não trucagem, feitos para o período do carnaval. Então, como que da terra, surge a voz do grande palhaço negro: Benjamin de Oliveira: 'A Europa curvou-se ante o Brasil e murmurou parabéns em meigo tom. Surgiu lá no céu mais uma estrela, apareceu Santos Dumont'. E isso debaixo da lona humilde de um pavilhão circense."

A EMC também está produzindo um documentário acerca da vida de Jurandyr Noronha, com base em uma série de entrevistas feitas com ele pela produtora e outras exibidas na TV aberta, além de trechos de filmes do cineasta. "O projeto antecedeu o falecimento e tem previsão de conclusão até o fim do ano. O material já foi praticamente todo recuperado. O documentário contará ainda com a participação do diretor Luiz Carlos Bigode e João Luiz Vieira, professor do Departamento de Cinema e Vídeo da Universidade Federal Fluminense (UFF)", conclui Heilbron.

No lançamento de *Pioneiros do Cinema Brasileiro*



Oscar de coadjuvante

por João Penido

Ela jamais será a personagem principal, mas é candidata imbatível ao prêmio de melhor atriz coadjuvante da culinária brasileira, por representar um acompanhamento indispensável de pratos de diversas regiões do país, do churrasco gaúcho aos pescados da Amazônia, das moquecas baianas à feijoada carioca. Aqui, contamos um pouco da história dessa versátil iguaria e relacionamos restaurantes da Cidade Maravilhosa que jamais a deixariam fora do cardápio, mesmo com a preconceituosa fama herdada de certos frequentadores de praias. Até porquê – sorry concorrência de além-mar – a farofa é coisa nossa.

Majórica

Serafim

Muito além da referência a quem mora longe e vem passar o dia inteiro na areia, levando-a em farnéis, em geral como acompanhamento de galinha, a farofa é um dos pratos mais antigos da culinária nacional, pois surgiu entre os índios, séculos antes da colonização portuguesa. Ou seja, nossos índios já eram farofeiros.

Conta o blog Cozinha Museu que o pastor protestante francês Jean de Léry esteve por aqui no século 16 e fez um pitoresco relato no livro *História de uma viagem à terra do Brasil,* sobre uma das maneiras dos índios consumirem a farinha de mandioca: "Tomam-na com quatro dedos na vasilha e a atiram, mesmo de longe, com tal destreza na boca que não perdem um só farelo. E se nós, franceses, os quiséssemos imitar, não estando como eles acostumados, sujaríamos o rosto, as ventas, as bochechas e as barbas".

Somente no século passado é que a palavra farofeiro ganhou conotação pejorativa, virando sinônimo de brega, bagunceiro e mentiroso. Ou ainda de pessoa de baixa renda, por ser o pitéu um alimento de baixo custo e fácil de preparar. Basta torrar a farinha em algum tipo de gordura. Por isso, a farofa tornou-se um dos pratos mais populares do país, servindo de acompanhamento a assados de carnes, aves ou peixes. É frequente, nos de aves, recheá-las com farofa feita com os miúdos delas. Para deixá-la mais sofisticada, pode-se acrescentar ovos ou outros ingredientes, como banana, azeitona, linguiça e cenoura. No Nordeste, principalmente na Bahia, usa-se, como gordura, o azeite de dendê, que dá coloração e sabor característicos à farofa.

as modalidades

O filólogo e dicionarista Antônio Houaiss, um gastrônomo de primeira, classificava suas

Onde saborear a iguaria

MAJÓRICA

Na tradicional churrascaria da rua Senador Vergueiro, no Flamengo, a farofa mais consumida é a famosa Dolabella, feita na manteiga e que leva grande quantidade de ovos, com cheiro verde por cima. O espanhol Ernesto Rodriguez Esteves, de 80 anos, um dos proprietários e trabalhando na casa há 53 anos, informa que para atender à demanda por farofa são utilizados 10 sacos de 30 quilos de farinha toda semana. Há também a farofa à brasileira, feita com ovos e presunto.

FRONTERA

O grill self-service da rua Visconde de Pirajá, colado à praça General Osório, serve uma grande variedade de farofas, que se revezam no dia a dia, como as de bacon, carne moída, calabresa, cenoura, banana, uvas-passas, ovos com azeitona, ovo cozido e a pura na manteiga.

BRASILEIRINHO

Ainda na praça General Osório, o restaurante especializado em cozinha brasileira serve pratos típicos de diversos estados, todos tendo a farofa como coadjuvante. Há os de botequim, como

receitas de farofas em três grupos. No primeiro, colocava a farofa d'água. "É a farinha molhada, que pode ser mais seca e até embolada. Consumida fria ou quente, recebe um pouco de manteiga, margarina, azeite, óleo vegetal, gordura de porco, tomate, cebola e alho, sal e pimenta dedo de moça ou malagueta." No segundo, incluía a farofa de manteiga, ingrediente que pode ser substituído por margarina, azeite, gordura vegetal ou animal. Incorpora-se apenas a gordura, revolvendo bem a farinha, até começar a dourar. No terceiro, Houaiss apresentava a farofa de molho, dando a seguinte receita: "Para cada quantidade do molho na frigideira, juntam-se, mexendo bem, duas a quatro de farinha de mandioca". O número de farofas possíveis é ilimitado. Houaiss ficou convencido disso quando um amigo o convidou a sua casa e lhe ofereceu 83 modalidades de farofa.

Por sua vez, Paloma Amado, reuniu em *A comida baiana de Jorge Amado ou Livro da Cozinha de Pedro Archanjo*, algumas das receitas saboreadas pelos personagens criados pelo pai, principalmente em *Dona Flor e seus dois maridos* e *Capitães de areia*, livros em que não faltam referências às farofas, principalmente à de dendê, típica da Bahia. Já em *Fogão de lenha, quitandas e quitutes de Minas Gerais*, considerado o livro definitivo sobre os gostos, os aromas e as tradições gastronômicas de Minas, Maria Stella Libânio Christo trata a farofa enriquecida com carnes e miúdos de porco como importante referência da culinária local. Os quitutes são as comidas de sal: dourado lombo de porco com farofa, leitão pururuca, tutu de feijão com rodelas de ovo, frango caipira com quiabo e angu e outras delícias que só se encontram por lá. De tão popular, a farofa virou até música de sucesso (*Farofa-fá*), ao ser apresentada pelo cantor Mauro Celso, em janeiro de 1975, no Festival Abertura, da TV Globo.

tutu à mineira e feijão tropeiro (que levam farinha) e carne de sol. As pièces de resistance são: picanha à fazendeiro, que vem com feijão tropeiro, couve mineira, batata frita e arroz branco; moqueca à moda caipira, com tomate, cebola e pimentão; e peixada de peixes do rio Amazonas.

À MINEIRA

O self-service da rua Visconde Silva, no Humaitá, serve todos os dias a farofa tradicional, refogada com bacon e linguicinha mineira e dourada em alho e cebola, com manteiga. Frita-se tudo junto, para fazer um refogado bem no fundo da panela, e depois se joga a farinha na mistura para torrá-la, informa a gerente Daniele de Souza. Às quartas-feiras, entra em cena também a farofa de banana-da-terra, que acompanha o lombo suíno; e, aos sábados, é a vez da farofa colorida, com ovos, cenourinha ralada e cheiro-verde.

JOAQUINA

Na filial da avenida Atlântica, no Leme, a chefe de cozinha Cláudia Leite (foto), que trabalha na casa há cinco anos, supervisiona a preparação de três tipos de farofa: a tradicional, com a farinha torrada na manteiga, acompanhada de linguiça caramelada; a de alho e salsinha, com o alho frito à parte, para não deixar um gosto muito forte, e salsinha fresca acrescentada no final; e a de dendê, na qual a farinha é bem cozida nesse azeite e que acompanha as moquecas.

ARATACA

No pequeno restaurante da rua Domingos Ferreira, próximo à Figueiredo de Magalhães, que completou 50 anos, a farofa acompanha pratos da Amazônia, como a costela de tambaqui, carne de sol com feijão-de-corda, fritada de caranguejo, maniçoba, galinha cabidela, filé de peixe com purê e molho de camarão e costela de pacu.

SERAFIM

Na casa da rua Alice, em Laranjeiras, todos os pratos de carne são acompanhados por farofa. A brasileira, feita com manteiga ou óleo, leva ovo, presunto ou linguiça calabresa, azeitona, cebola e cheiro verde. A mais consumida é a artesanal, mais rica e nutritiva, típica do Norte e do Nordeste, feita com carne-seca desfiada ou linguiça calabresa frita, cebola, alho, bacon, salsa e cebolinha. O gerente Manoel Valdir pode providenciar também uma farofa ao gosto do freguês.

Portuguesas, com certeza

por Hyrinéa Bornéo

A história das famosas pedras portuguesas no Brasil começa a partir de sua importação pelo prefeito Pereira Passos, no início do século passado, para compor as calçadas da então recém-aberta avenida Rio Branco. E, na sequência, dos pavimentos da orla de Copacabana, da Praça XV e do entorno do Largo da Carioca e do Teatro Municipal, na Cinelândia. Segundo especialistas, o Rio ostenta a maior superfície de calçamento musivo do mundo. Mas, especialmente nos dias de hoje, há um movimento quase subterrâneo para acabar com elas. Há que se ter cuidado. Olho vivo!

Nossos passeios em pedras portuguesas, com seus desenhos, na maior parte das vezes barrocos e em vários casos tombados, são uma expressão natural da carioquice. No Brasil, elas constituíram um dos mais populares materiais empregados no paisagismo dos séculos 19 e 20, em razão da flexibilidade de montagem e de composição estética. Foi na administração de Pereira Passos, o grande modernizador da face urbanística da capital federal à época, que o Rio recebeu os primeiros pavimentos em pedra portuguesa. Inicialmente, na Avenida Central, hoje Rio Branco, aberta em 1905. Por ocasião do 4º centenário da cidade, em 1965, os passeios do Boulevard 28 de Setembro, em Vila Isabel, também foram cobertos por pedras portuguesas, reproduzindo as partituras de 14 músicas brasileiras — hoje um bem artístico tombado pela municipalidade.

"O calçadão de Copacabana é um emblema, um cartão postal. As ondas conversando com o mar funcionaram muito bem aqui. Foi um caso de transposição bem-sucedida, uma espécie de transplante de um tema artístico que se confundiu com a identidade do Rio", declara Cristóvão Duarte, professor de Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O traçado original de 1906 só incorporaria contornos mais delineados, pelas mãos do paisagista Roberto Burle Marx, no início da década de 1970, com o alargamento das pistas da orla e da faixa de areia. O mestre mosaicista inovou no calçamento interno, fazendo uso de rochas de três cores — branca, preta e vermelha —, com as quais criou no chão padrões plásticos característicos de sua telas.

Poesia e ludicidade

Ligadas aos primórdios das civilizações ur-

banas, as calçadas em mosaico difundiram-se especialmente nas colônias portuguesas — a maior delas, evidentemente, o Brasil. Em nossas cidades, tornaram-se quase onipresentes. "De fato, pode-se percorrer o país de ponta a ponta sempre encontrando os mais variados padrões, decorando chãos pisados e repisados por tantos anos de tradição", comenta Cristóvão Duarte.

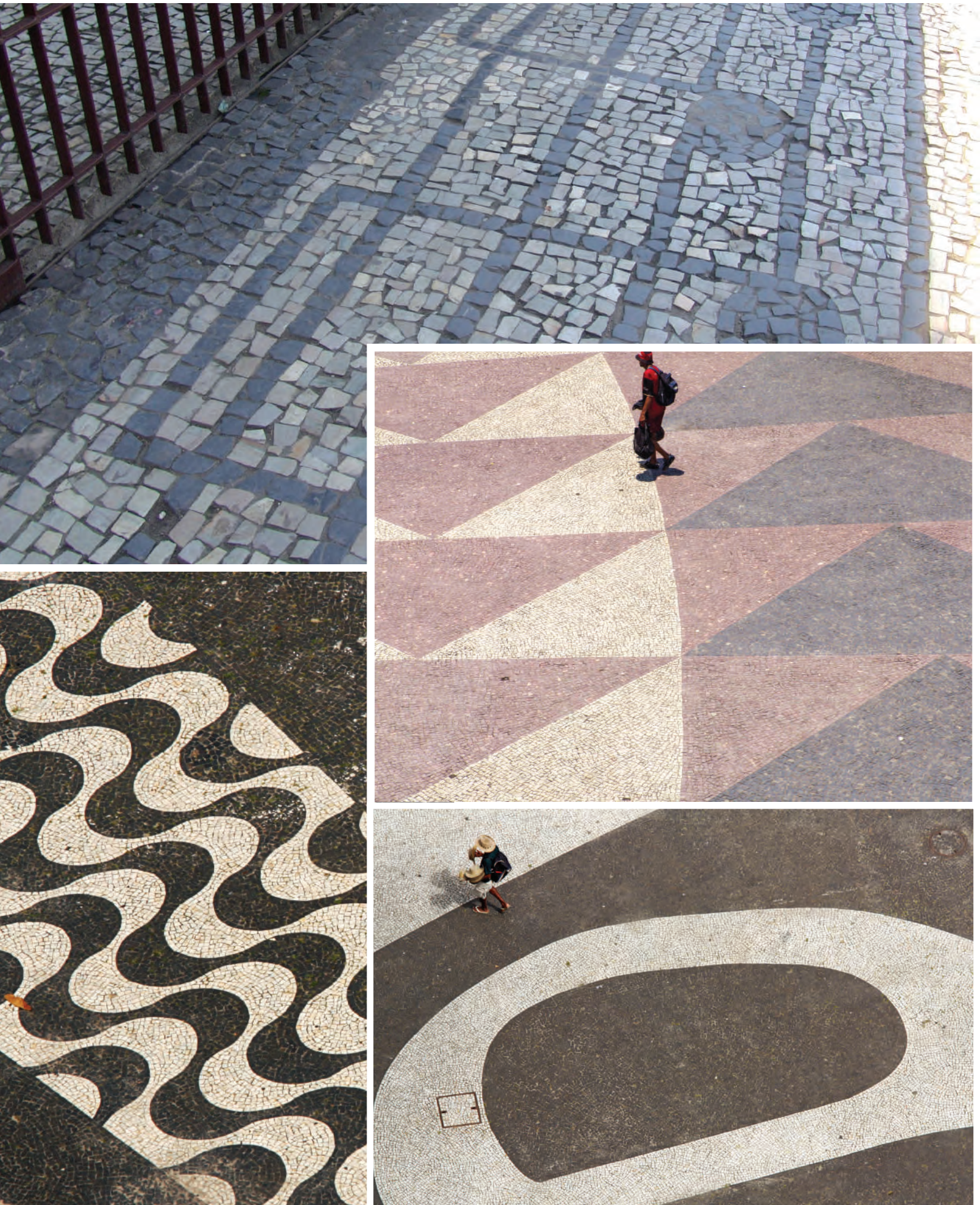
O professor de Urbanismo destaca a indiscutível beleza dos mosaicos artísticos que ornamentam praças, calçadas e áreas livres públicas. A justaposição artesanal de pedras de cores diferentes e contrastantes permite a realização de uma infinidade de padrões decorativos, sejam figurativos ou abstratos, agregando novos e surpreendentes conteúdos de poesia e ludicidade ao cenário da vida cotidiana.

Sua incorporação aos projetos desenvolvidos pelos arquitetos modernistas brasileiros, a partir do final da década de 1930, fez com que a pedra portuguesa ganhasse novo e admirável alento. Dos jardins do Palácio Gustavo Capanema, no Rio de Janeiro (1938), à praça dos Três Poderes em Brasília (1960), passando pelo abstracionismo geométrico dos painéis do calçadão de Copacabana e tantos outros exemplos significativos, verifica-se a recorrente utilização do material, alçado à condição de parceiro valoroso da vanguarda artística da época. "A atualidade da velha técnica foi claramente reafirmada e avalizada pela beleza dos padrões compositivos desenhados pelo paisagista Roberto Burle Marx e seus seguidores", diz Cristóvão.

Calceteiros

A precisão do corte e a excelência da calçada portuguesa dependem da habilidade do profissional que a executa. Os primeiros calceteiros chegaram ao Brasil por intermédio de Pereira Passos, para pavimentar a recém-criada Avenida Central. Muitos deles permaneceram no país, participando da disseminação dos tradicionais pisos pela cidade até os dias de hoje.

A grande preocupação relacionada à perda dos conhecimentos envolvidos nessa atividade levou a Câmara Municipal de Lisboa, em novembro de 1986, a criar a Escola de Calceiteiros, com o objetivo de renovar o efetivo de trabalhadores da prefeitura e divulgar a arte de calcetamento. Desde então, têm sido formados



"A atualidade da velha técnica foi reafirmada pela beleza dos padrões compositivos desenhados por Burle Marx"

Cristóvão Duarte

profissionais que, assimilando os saberes de velhos mestres, vão assegurando a sobrevivência dessa técnica.

A título de arremate — lembra Cristóvão Duarte —, vale rememorar a lição ensinada ao longo da história pelos mestres calceteiros: "Uma cidade precisa ser construída e reconstruída todos os dias, pedrinha por pedrinha, pacientemente. E a força de cada pedra, assim como a de cada cidadão, decorre da força de coesão do sistema como um todo, gerado pelo fato de todas as "pedrinhas" compartilharem, solidárias e democraticamente, o mesmo projeto de cidade".

Tecelões da passarela

POR HYRINÉA BORNÉO

Vários foram os fatores que contribuíram para a evolução do modo de produção de fantasias e alegorias das escolas de samba cariocas. Porém, o marco principal está no surgimento da figura do carnavalesco, mais especificamente de Fernando Pamplona, mestre inovador, trazendo com ele um grupo de profissionais que iria redefinir a estética do carnaval – Arlindo Rodrigues, Fernando Pinto, Maria Augusta, Rosa Magalhães, Joãosinho Trinta, entre outros.

O visual das escolas se sofisticou intensamente desde que os desfiles saíram da avenida Presidente Vargas e aportaram na Marquês de Sapucaí. Segundo Felipe Ferreira, professor do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) e coordenador do Centro de Referência do Carnaval, o advento do carnavalesco, a nacionalização dos desfiles e a criação do Sambódromo foram fatores determinantes para a transformação da estética das agremiações, dando origem ao modo de produção de fantasias e alegorias atual. "As escolas de samba do Rio de Janeiro são vistas, hoje, como modelos de organização empresarial, capazes de responder a diferentes interesses, adaptando-se a novas realidades e impondo sua estética a carnavais do Brasil e do mundo", diz Ferreira.

Ricardo Almeida

Fernando Pamplona: mestre inovador que redefiniu a estética do carnaval

Croquis de Rosa Magalhães

Ele explica que essa evolução teve início na década de 50, quando o desfile já se realizava na Presidente Vargas. As escolas passaram a sofrer a influência de artistas plásticos de formação acadêmica, liderados por Fernando Pamplona (1926-2013), que imprimiram nova concepção ao visual das agremiações. Considerado criador do carnaval contemporâneo, Pamplona atuava como um grande mediador cultural, fazendo a união da academia com as festas populares e o folclore. Muito ligado às raízes negras, o artista fez história no Salgueiro, na década de 60, com as temáticas africanas. Mestre de uma geração de carnavalescos, foi o principal personagem da transformação estética dos desfiles.

A modernização dos meios de comunicação ampliou o interesse do país pelas escolas cariocas. Estas responderam com a revolução de suas concepções, representadas por sambas de apelo nacional, enredos construídos e apresentados de

"Hoje, as fantasias e alegorias não são feitas para brincar, e sim para exibir o enredo. Esse modo de produção contemporâneo decorre da virada dos anos 50"

Felipe Ferreira

maneira a serem entendidos com facilidade pelo público e utilização de novas formas e materiais. Aliado a isso, a criação do Sambódromo, em 1984, foi fundamental para o redimensionamento do desfile. As peças singelas e acanhadas já não faziam mais sentido ali. "Hoje, as fantasias e alegorias não são feitas para brincar, e sim para exibir o enredo. Esse modo de produção contemporâneo decorre da virada dos anos 50, com sua dimensão nacional e simbolizada pela atitude de Pamplona. É nesse momento que ele cria o modelo de organização que conhecemos hoje", explica Felipe Ferreira.

As escolas de samba cariocas impõem sua estética a carnavais do Brasil e do mundo

Conceito de espetáculo

Pesquisadora, especialista em cultura brasileira, Maria Augusta, uma das artistas mais importantes

Hyrinéa Bornéo

"Cada um, com sua característica, contribuiu para a evolução do modo de produção das fantasias e alegorias"

Rosa Magalhães

da história do carnaval, atua como comentarista e jurada do prêmio "Estandarte de Ouro", considerado o "Oscar" do samba. Oriunda de um grupo formado por Fernando Pamplona, ela participou da criação de desfiles vencedores no Salgueiro, como "Bahia de todos os deuses" e "Festa para um rei negro". A turma, também composta por Arlindo Rodrigues (1931-1987), Joãosinho Trinta (1933-2011), Fernando Pinto (1945-1987) e Rosa Magalhães, inventou um novo jeito de se fazer carnaval, colocando, por exemplo, o negro no papel de protagonista nos enredos baseados em elementos de matrizes africanas.

Conforme Maria Augusta, o enredo cumpre uma função narrativa. "Um cego tem que chegar à avenida e entender o enredo pela letra do samba. E um surdo deve compreendê-lo por meio da linguagem visual das fantasias e alegorias. Foi justamente esse o conceito de estruturação de espetáculo — projetado, desenhando-se fantasia por fantasia, carro por carro — que Pamplona e

Arlindo Rodrigues, outro mestre que vinha das Belas Artes, levaram para as escolas. E que todos nós, que viemos depois, fomos seguindo. Quando comecei a trabalhar em escola de samba, no ano de 1969, em 'Bahia de todos os deuses', no Salgueiro, as fantasias eram muito simples. Como o Sambódromo definiu um espaço cênico gigantesco, as alegorias precisaram crescer."

Os maiorais

Rosa Magalhães, aluna de Fernando Pamplona na Escola de Belas Artes, foi convidada a trabalhar no carnaval com o grupo que ajudou o professor e Arlindo Rodrigues no carnaval do Salgueiro de 1971, desenhando as fantasias para o "Pega no ganzê" (Festa para um rei negro), ao lado de Maria Augusta. "Estudei com Pamplona outros assuntos na Escola, nunca tinha visto carnaval na vida. Nem sabia que existia livro de figurino", afirma.

Após muitos anos de estudo, ela assumiu pela primeira vez, em 1982, com Lícia Lacerda, a autoria de um enredo — "Bumbum praticumbum prucurundum", que tornaria a Império Serrano campeã daquele ano. E que mostrava, com riqueza de detalhes, a evolução das fantasias e alegorias, desde a criação das agremiações até a era das superescolas. Sua carreira é marcada pelos anos de glória na Imperatriz Leopoldinense, de 1992 a 2009, quando realizou festas inesquecíveis, consagrando-se como a maior campeã do Sambródomo, com cinco títulos conquistados. Porém, de todos os carnavais, o que mais tocou Rosa Magalhães foi o de "Leopoldina, imperatriz do Brasil", em que foi vice-campeã em 1996. "Não ganhamos, mas foi muito bom fazê-lo", relembra.

Este ano, com o enredo "A incrível história do homem que só tinha medo da Matinta Perera, da Tocandira e da onça pé de boi", da São Clemente, Rosa homenageou o mestre Pamplona. "Ele trouxe uma visão do espetáculo. Era uma pessoa muito objetiva, se interessava mais pelo tema, queria saber da música, do enredo. Deixava a parte plástica com Arlindo Rodrigues. As mudanças vão acontecendo de 10 em 10 anos e, cada um com sua característica, contribuiu para a evolução e o controle de qualidade do modo de produção das fantasias e alegorias", ressalta.

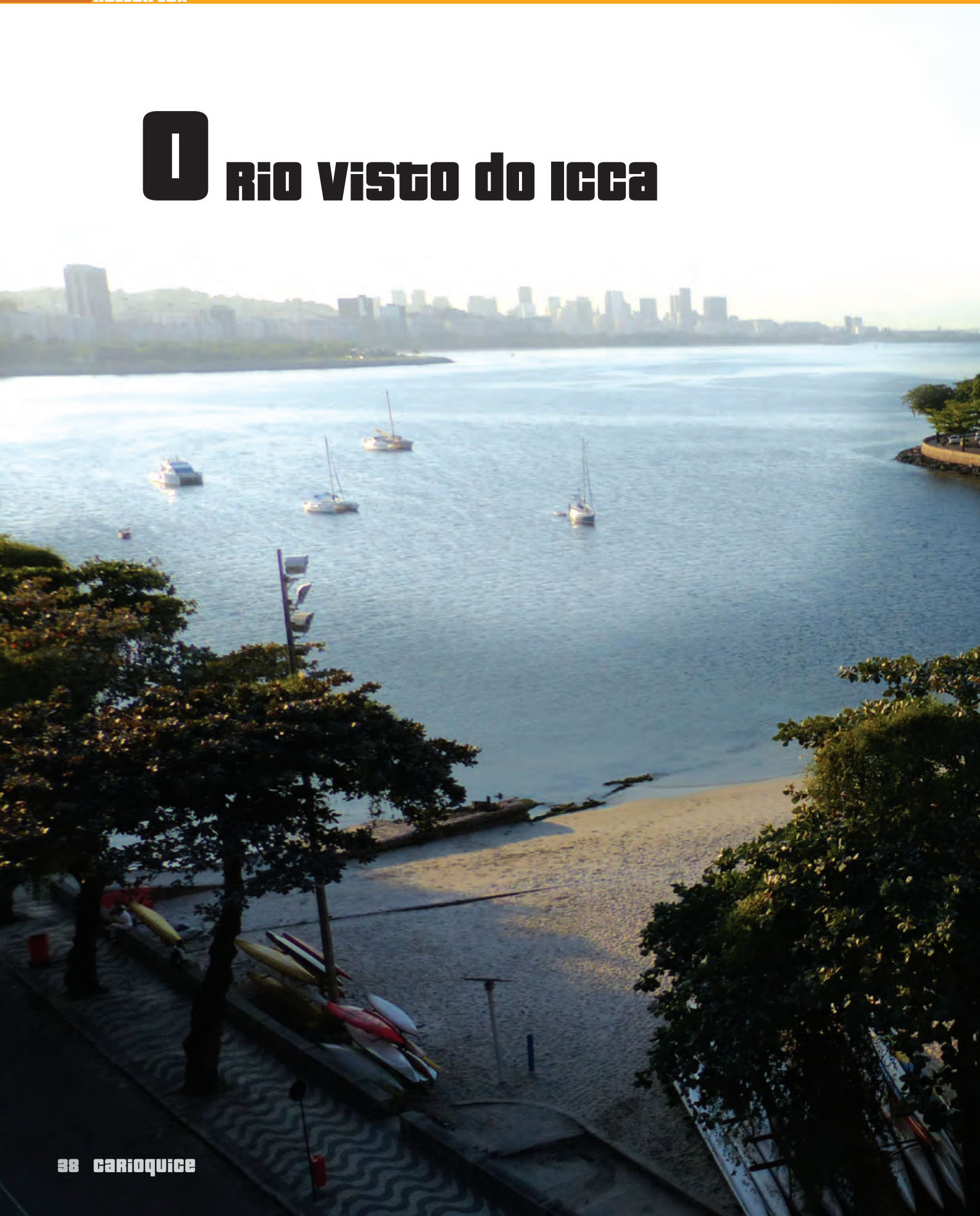
Enredos históricos

Outro criador influenciado por Pamplona foi Arlindo Rodrigues, que estreou em 1960, no Salgueiro, onde permaneceu até 1972 e levantou quatro campeonatos. Sua marca nesse período se associou aos enredos históricos, destacando-se a forte presença de temas africanos. Cenógrafo e figurinista do Teatro Municipal, trouxe para a avenida a lógica de se contar histórias complexas, com começo, meio e fim. Foi o primeiro a fazer protótipo de fantasias.

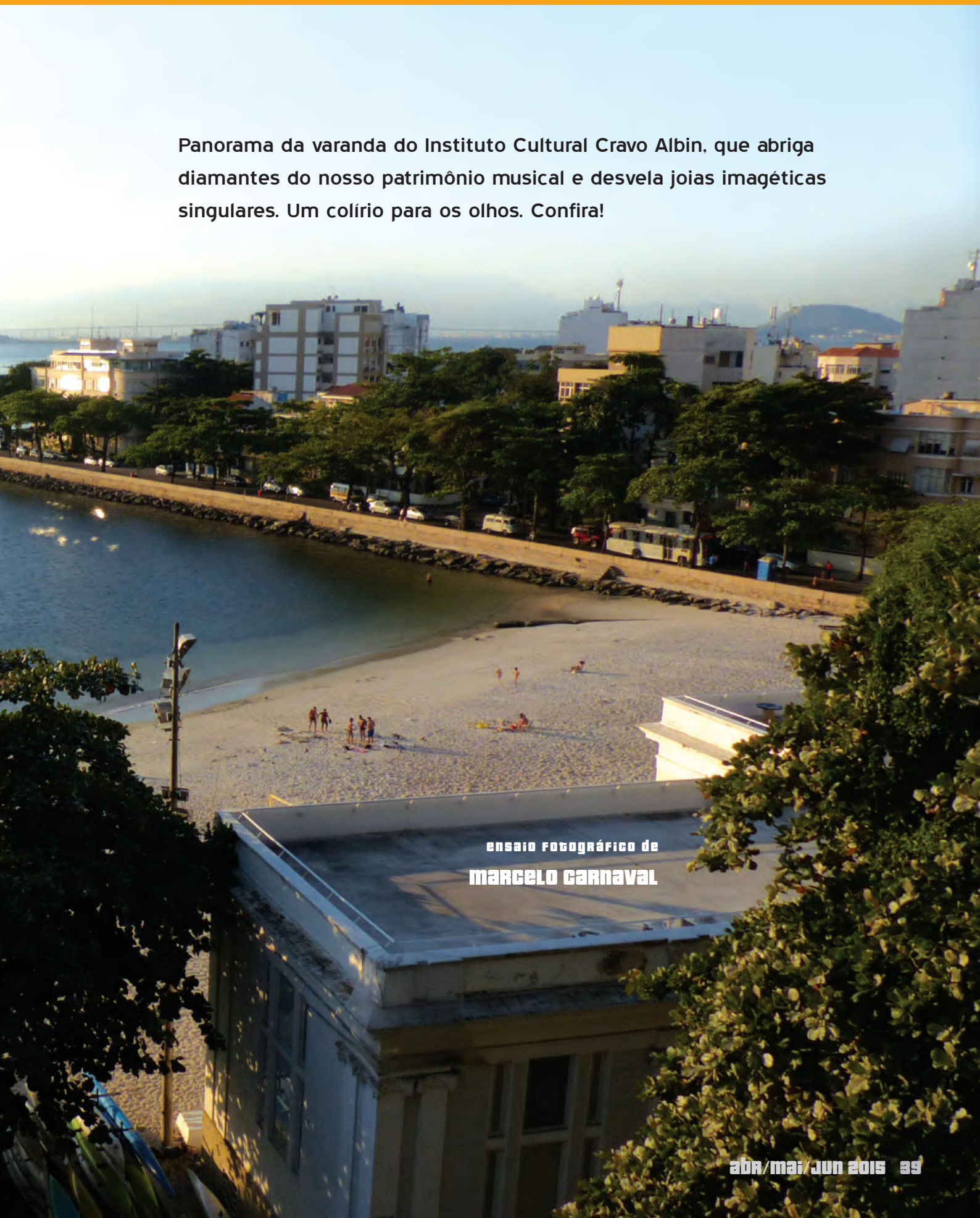
Joãosinho Trinta, um dos mais emblemáticos e, provavelmente, o mais polêmico carnavalesco brasileiro, também bebeu na fonte do mestre. Estreou, igualmente, no Salgueiro, na década de 60, conquistando dois títulos, antes de ir para a Beija-Flor (1976-1992), onde criou enredos ousados, como o antológico "Ratos e urubus, larguem minha fantasia". Na sua passagem pela Acadêmicos do Grande Rio, em 2001, mostrou uma cena inusitada e impactante no carnaval: o americano Eric Scott levantando voo em plena avenida, com tecnologia da Nasa.

Já Fernando Pinto, que começou no Império Serrano em 1971, brilhou na Mocidade Independente de Padre Miguel na década de 80, amadurecendo seu estilo de forte influência tropicalista. E que se consagraria em "Ziriguidum 2001 — carnaval nas estrelas", enredo de 1985 que explorou a luz do sol (a escola desfilou já de manhã), trazendo fantasias e alegorias prateadas, estrelas, espaçonaves, discos voadores, alienígenas e astronautas para compor um carnaval de ficção científica.

O Rio visto do Icca

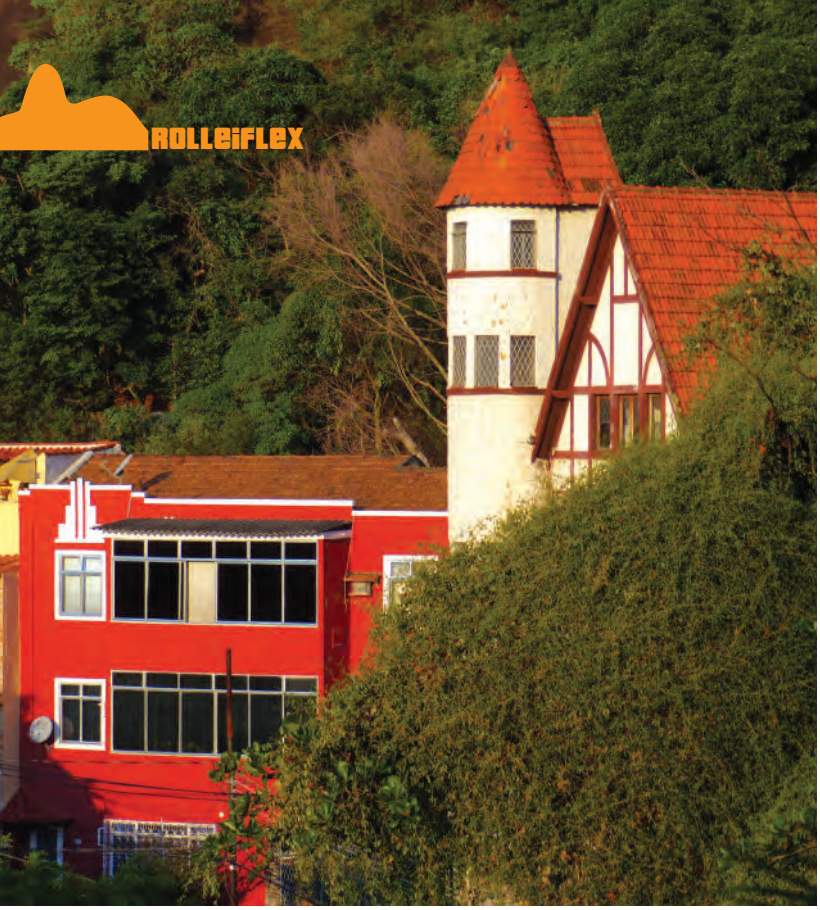


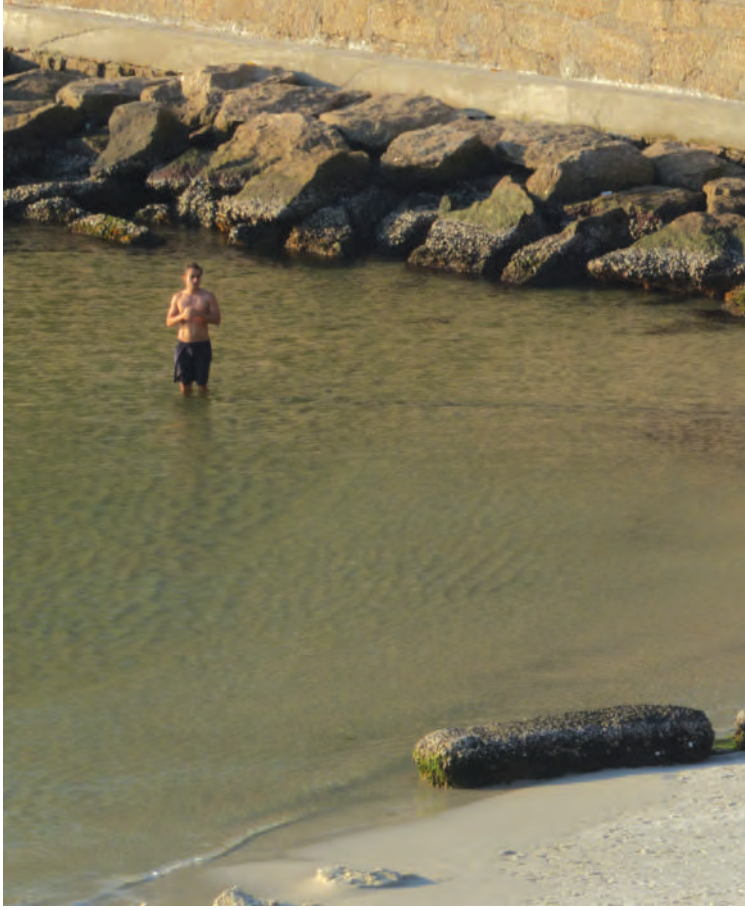
Panorama da varanda do Instituto Cultural Cravo Albin, que abriga diamantes do nosso patrimônio musical e desvela joias imagéticas singulares. Um colírio para os olhos. Confira!



ensaio fotográfico de

MARCELO CARNAVAL





Perseguindo zé rubem

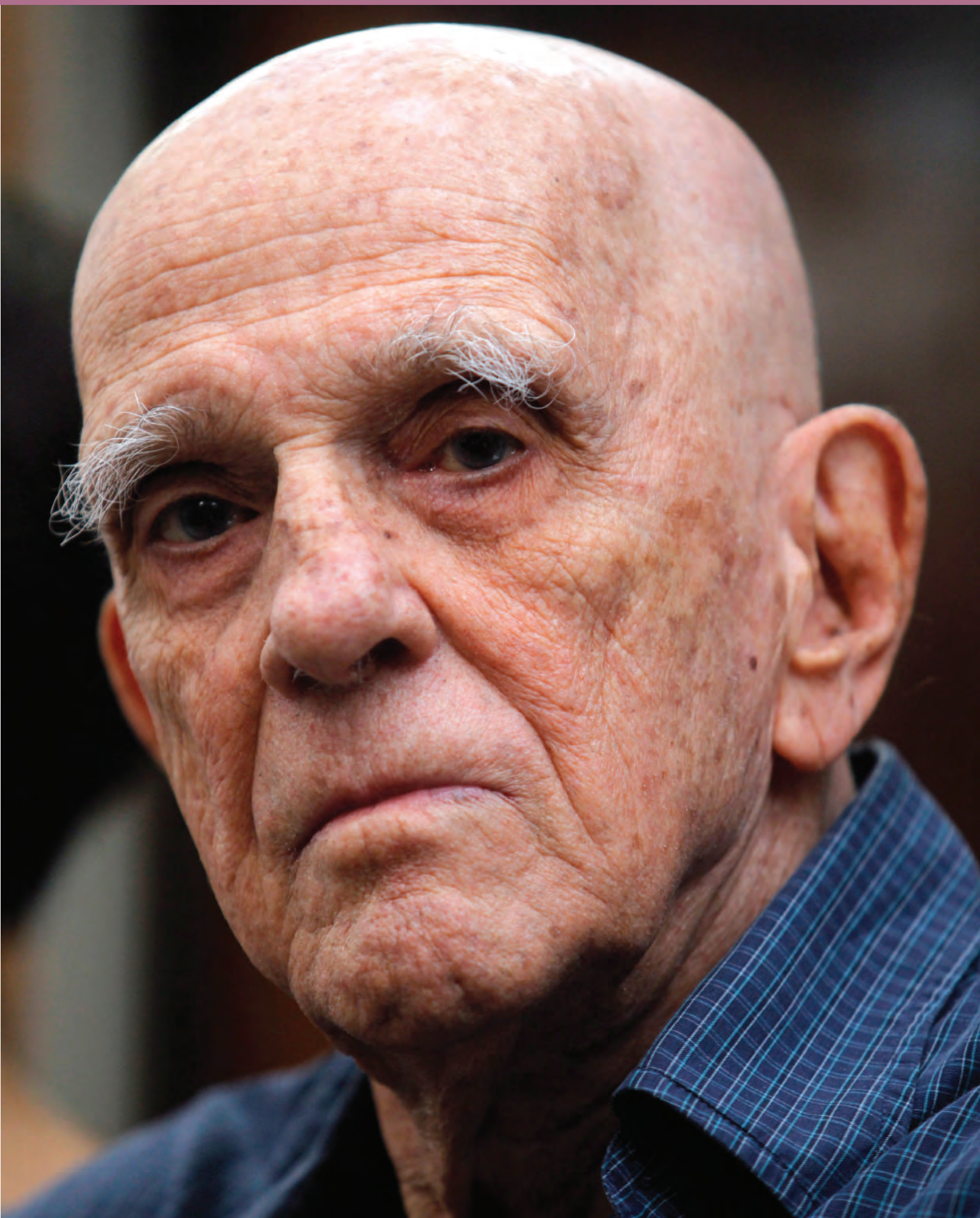
por João Penido

Ele completou 90 anos em maio. Acorda às seis e meia e vai malhar na academia. Passa o restante do dia assistindo a filmes, lendo e escrevendo. Antenado com tudo, não dispensa os avanços da tecnologia no computador e no celular. Ele é Zé Rubem, ou Rubem Fonseca, o escritor que não dá entrevistas, tem ojeriza a badalações e adora ser anônimo. Na intimidade, um sujeito divertidíssimo, de excelente humor e de bem com a vida, como relatam familiares e amigos.

A filha Bia (Maria Beatriz Corrêa do Lago), que é editora e apresenta há 14 anos o programa "Umas palavras", no Canal Futura, no qual entrevista escritores, sem chance de algum dia colocar o pai na frente das câmeras, explica por que Rubem preserva tão obstinadamente o anonimato. "Ele explica que sua matéria-prima são as ruas, as pessoas, o que escuta. Gosta de andar e sentar nas praças, observando e ouvindo conversas. Argumenta: "Não sou eu que devo falar como pessoa, mas meus personagens. Tudo que tenho a dizer está nos livros. Quero ser anônimo, com uma cara desconhecida para me misturar com as pessoas. O escritor não precisa ser visto e, sim, ver".

Filólogo e autor de 34 livros, Deonísio da Silva considera uma perda geral o fato de o amigo, a quem conhece desde 1974, não dar entrevista. "Ele tem uma conversa complexa, fala muito bem, agradavelmente. Todos nós teríamos a ganhar ao saber o que ele pensa além de sua literatura." No entanto, ressalva que Rubem é o escritor mais entrevistado do mundo, por ele mesmo. "Quem o conhece sabe que aquele eu que narra suas histórias é ele mesmo. Não o que dá a facada, pois é um homem muito terno, mas o juízo sobre a condição humana é dele, é ele que pensa assim."

Deonísio escreveu um trabalho curto sobre *O Caso Morel* em 1973, quando estudava letras no Rio Grande do Sul. Mais tarde, publicaria dois ensaios sobre Rubem: *O caso Rubem Fonseca: violência e erotismo em Feliz Ano Novo*, de 1983; e *Rubem Fonseca: proibido e consagrado*, em 1996. Ele lembra que estava com o amigo, em um café no Leblon, quando entrou uma moça muito bonita e ficou olhando para os dois. "Desconfiei que ela o reconhecera. Entabulei uma conversa com ela, que perguntou ao Rubem o que ele fazia.



Rubem respondeu que era dermatologista e perguntou se a moça conhecia seu sócio. Em seguida, pegou-a pela mão, levou-a até a calçada, mostrou o sol e disse: 'Esse aí é o meu sócio. Ele estraga vocês e eu conserto'". Em outra ocasião, recorda, Fonseca encontrou a professora e tradutora Ute Hermanns em um museu na Alemanha. As pessoas, muito compenetradas, olhavam os quadros em silêncio. Rubem propôs a Ute: "Vamos dançar?" E saiu bailando com ela pela enorme sala.

Outro seleto amigo, o jornalista e escritor Zuenir Ventura, que o conhece desde 1963, afirma que Rubem "é divertidíssimo, um sujeito leve e gozador". Os dois viajaram duas vezes a Cuba. Numa delas, Rubem o surpreendeu com a leitura de dois contos para uma plateia em torno de 100 pessoas. "Eu não acreditava no que via. Com o livro em uma das mãos e o microfone na outra, ele andava de um lado para o outro com a desinibição de um ator. E um texto era tão violento como o outro, erótico, quase obsceno."

Rubem, pelo caricaturista Cássio Loredano

sarado e moderno

Rubem vai à academia de ginástica às segundas, quartas e sextas-feiras e fica uma hora e meia se exercitando. Faz esteira, malha pernas e braços. "Quando volta, diz; 'Ai, como isso me faz bem, estou me sentindo ótimo', conta Bia. Recentemente, ela foi tomar café com o pai no Leblon, onde moram os dois, ela na Bartolomeu Mitre e ele, na General Urquiza. "Encontramos o dono da academia, que falou que papai está sempre querendo aumentar o peso

"Não sou eu que devo falar como pessoa, mas meus personagens".

Rubem inaugura biblioteca que leva seu nome, no canteiro de obras do metrô do Jardim de Alah, em 2013

dos halteres — uma loucura, porque pode acabar estourando alguma coisa no corpo. Ele sempre malhou e caminhou muito, é disciplinado com isso. Gostava de praticar esportes, jogava vôlei e basquete quando jovem."

Rubem foi um pai moderno. "Ele era diferente em relação aos pais das minhas amigas adolescentes, que usavam calça de tergal e davam lição de moral. Gostava de rock, jeans, tênis, camiseta,

Sua matéria-prima são as ruas, as pessoas, o que escuta nas praças

Com o filho Zeca, também escritor, no dia em que completou 90 anos

Bia: ele era diferente dos pais das minhas amigas

era um cara completamente antenado com os mais novos. Até hoje é jovem de cabeça. Outro dia perguntei: "Você não acha que devia ir a um geriatra?" Ele respondeu: "Mas eu já estou na idade?", relata Bia.

Sem preconceitos, também não impunha nenhuma proibição. Não ficava vigiando a filha adolescente, com a qual conversava de igual para igual. "Além disso, sempre questionava qualquer tipo de ídolo, de visão dogmática. Estava permanentemente me fazendo pensar e questionar. Foi muito bom para mim não aceitar as coisas como dadas. Ele trabalhava o dia inteiro (foi diretor de Comunicação e Marketing da Light durante quase 30 anos) e escrevia nas horas vagas, nos fins de semana e à noite. Lia muitos autores policiais, como Raymond Chandler e Georges Simenon."

O filho Zeca (José Alberto), que trabalhou durante 20 anos como fotógrafo na imprensa do Rio e de São Paulo e se tornou igualmente escritor, já tendo publicado quatro livros, sente o peso da fama do pai. "É muito difícil para mim ser escritor. É como se ele fosse uma sombra tão frondosa que dificulta pegar um solzinho. Quando soube que eu ia lançar um livro, comentou: 'Você não vai fazer como o Luis Fernando Verissimo, que esperou o pai (Érico, 1905-1975) morrer para editar o dele?' Respondi: "Poxa, pai, se eu fosse esperar você morrer, não publicava nunca'."

Por sua vez, Pedro Henrique, filho de Bia, destaca que Rubem exerceu para ele o papel de conselheiro. "Quando adolescente, ia toda semana na casa do meu avô, uma espécie de psicólogo para mim e que me aconselhava sobre como lidar com namorada. Eu sofria muito. Ele me dizia para ser *cool*, ficar na minha, tranquilo, e não demonstrar muita empolgação. Dizia que mulher não deve sentir que você está amarradão. Quando o namoro não dava certo, me recomendava esquecer e seguir em frente."

high tech e cinéfilo

Rubem é tido como o primeiro autor a escrever oficialmente (*Bufo e Spallanzani*, em 1985) com computador, pelo menos no Rio de Janeiro. "Quando chegou o PC, para ele foi a glória. Agora, vive perguntando: 'Você não tem o Windows 7, Word', não sei o quê?' Está sempre querendo novidade. Usa whatsapp e quer o celular mais avançado", pontua Bia. O amigo Deonísio recorda que foi Zé Rubem quem o apresentou ao equipamento, garantindo se tratar do suprassumo das máquinas de escrever. "Ele ficava impressionado, porque ia escrevendo e o computador mudava de linha sozinho. Tinha em casa um TK 3000, que

Durante seis meses, Rubem atuou como comissário de polícia na 16ª DP

só empresas possuíam. A tela de DOS era de um verde horroroso."

Desde os primeiros contos, é enorme a influência da linguagem cinematográfica na obra de Fonseca. Em *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*, de 1988, ele narra a história de um cineasta escolhido para levar às telas um livro de autor russo. Nada a estranhar. Rubem, assinala Deonísio, pode ser considerado o maior cinéfilo brasileiro. "Quando era ainda muito pequeno, em Juiz de Fora, onde nasceu, sua babá o levava às matinês. Via os filmes no colo dela. E, desde que se aposentou da Light, há mais de 20 anos, vê uns três títulos por dia."

A obra de Rubem chegou à televisão por meio da série *Mandrake*, rodada em película. Escrito por seu outro filho, o cineasta José Henrique Fonseca, Felipe Braga e Tony Belloto; o roteiro se baseia nos livros *A grande arte* e *Mandrake, a Bíblia e a Bengala*. Mandrake é o apelido do personagem principal, um advogado criminalista cínico e desiludido que atua como detetive.

Rubem fora comissário de polícia durante um semestre. "Ele cursou Direito e se interessou pela área criminal. Fez concurso para a polícia porque não exigia muitos anos de formação. Passou em primeiro lugar e, por isso, pôde fazer uma especialização em Nova York, durante um ano. Na volta, passou a trabalhar como comissário na 16ª DP. Foi uma experiência tão forte que está tentando digerir aqueles seis meses até hoje", diz Bia.

Zeca conta uma história do período cuja veracidade não chegou a confirmar com o pai. "Ele estava realizando a prova para delegado, na época do governo Getúlio Vargas. Corre a lenda que precisou prender um oficial de marinha que havia atirado na amante. Um dia, chegou à delegacia um minicontingente de fuzileiros para soltar o cara. Foi aí que teria desistido da carreira policial." Para a glória da literatura brasileira.

Foto: Jairo Goldflus

UM VESTIDO NÃO PODE CUSTAR UMA INFÂNCIA.

FUNDAÇÃO ABRINQ

Save the Children

Saiba quais empresas são livres de trabalho infantil em fundabrinq.org.br

Rio, capital cultural do Brasil

Marcelo Calero
Secretário Municipal de Cultura do Rio de Janeiro

Beth Santos

Depois de sete anos em Brasília e na Cidade do México por conta da carreira diplomática, tive a oportunidade de voltar a viver na minha cidade natal. A princípio, vim para dar suporte na parte de logística e operações aeroportuárias da Rio+20, conferência internacional que, em 2012, abriu o calendário de grandes eventos internacionais sediados no Rio. A convite do embaixador Laudemar Aguiar, que coordenou os preparativos do evento, integrei a Coordenadoria de Relações Internacionais da prefeitura carioca.

Desde então, tenho o privilégio de acompanhar e participar diretamente das transformações do Rio nestes últimos anos. Com o trabalho do Comitê Rio450, conseguimos engajar a cidade como um todo. Vivi momentos inesquecíveis, como o Réveillon 2015, em Copacabana, marco inicial do calendário comemorativo dos 450 anos, que vai até março de 2016. Recebemos, na sede do Comitê, a imagem peregrina de São Sebastião, e acompanhei a programação completa do dia 1º de Março, que começou com a alvorada no local da fundação da cidade, passou por Madureira e terminou numa grande celebração a seus símbolos e personagens.

Agora, à frente da Secretaria Municipal de Cultura, temos mais uma missão pela frente, a de pensar a programação cultural das Olimpíadas. O evento esportivo será uma grande vitrine para produtores e realizadores mostrarem a riqueza e a diversidade da nossa cultura. Nenhuma outra no mundo foi o berço de tantos ritmos. Essa musicalidade característica do carioca está presente em outras manifestações artísticas, que têm esse momento fantástico para exibir a sua produção.

A cidade já está ganhando uma nova cara para receber as Olimpíadas. Essa transformação ocorre de uma forma harmoniosa, sem interferir na essência da nossa carioquice. Ainda percorro a Tijuca, bairro onde nasci e fui criado, reencontrando pessoas que marcaram minha infância e voltando a lugares que frenquentava com meus pais e minha avó. Com o orgulho de ser carioca renovado, vamos receber os visitantes com grande entusiasmo e realizar jogos olímpicos inesquecíveis, nesta que é a capital cultural de todos os brasileiros.

INTERNET DA OI.
PORQUE O SEU MUNDO NÃO PARA.

4G | OI WIFI

Não dá pra ficar sem as coisas importantes da vida, como postar fotos dos momentos em família, mandar vídeos para os amigos e trocar mensagens com aquela pessoa especial. É por isso que na Oi você tem 4G e mais de um milhão de pontos Oi WiFi para ficar mais conectado.

SAIBA MAIS EM OI.COM.BR

Mais de um milhão de pontos Oi WiFi. Fonte: ANATEL

nbs

YER

Quer mais tempo para ler esta revista?

Resolva tudo pelo Bradesco Celular.

Baixe o aplicativo.

TM Rio 2016 | Todos os direitos reservados.

Rio2016 Rio2016 JOGOS PARALÍMPICOS

PATROCINADOR OFICIAL

Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933
bradesco.com.br @Bradesco facebook.com/Bradesco

Bradesco
Tudo de BRA para você.